

A venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira

A aldeia de Nossa Senhora do Rosário do Pôrto da Cachoeira do Paraguaçu, privilegiado entreposto do sertão desconhecido com o litoral apenas desvirginado, teve um rápido desenvolvimento a partir da primeira década do século XVII, desenvolvimento êste em todo momento vinculado à família Adôrno (1), dona da terra em que foi assentada a povoação. Assim, de um simples agrupamento de malocas indígenas, em 1606, vemo-la convertida em freguesia em 1674, para a qual um Adôrno haveria de ceder, de livre e espontânea vontade, a capela de seu engenho, que um ano antes tinha reconstruído sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário (2). E não passou muito tempo sem que a aldeota, situada estrategicamente no ponto final das águas navegáveis do Rio Paraguaçu, que lhe deu nome, estivesse a exigir sua elevação à categoria de vila. Merecidamente o alcançou em 1698 (3).

Êsses acontecimentos, marcos históricos das etapas evolutivas por que atravessou a vila de Nossa Senhora do Rosário do Pôrto da Cachoeira do Paraguaçu, talvez não sejam suficientes para dar idéia

clara do estado de desenvolvimento em que se encontrava em fins do século XVII. O crescimento da população, enriquecida pelas lavouras de mandioca e fumo e pelo comércio, favorecido pela localização excepcional do povoado, verdadeira porta do sertão, refletido em seus monumentos mais significativos, nos vestígios que do século XVII ainda conserva a igreja matriz, e em outros ligeiramente posteriores como as obras do cais, a Casa da Câmara e Cadeia (1702-1712), nas construções de caráter religioso e no nobre e formoso casario, bem nos fala da maneira de viver, das necessidades urbanas e suntuárias, e das preocupações religiosas dos cachoeiranos nas últimas décadas dos seiscentos e nas primeiras do século seguinte.

Diante de tão alvissareiro estado de prosperidade, não pode surpreender a decisão dos religiosos carmelitas calçados, chegados na Bahia em 1586 (5), de se instalarem na promissora aldeia, muito antes que fôsse erigida em vila. Com efeito, em 1688, em terras doadas pelo Capitão João Rodrigues Adôrno e sua mulher Dona Ursula de Azevedo, foi fundado o Convento do Carmo de Cachoeira (6).

Com a presença dos frades carmelitas, que seu dúvida contribuíram poderosamente para fomentar a afeição do povo, e especialmente dos benfeitores do convento, à Ordem Carmelitana, não demorou em ser fundada a Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira.

Quem conhece o lento e rotineiro passar do tempo num pequeno povoado do Interior poderá imaginar, com bastante aproximação, o que era a aldeia do Paraguaçu nas últimas décadas do século XVII a que nos referimos. Nela, onde as únicas novidades eram os temíveis assaltos e tropelias dos índios vizinhos, ainda mal domados (7), as "entradas" de repressão, capitaneado por algum Adôrno (8), ou os comentários sôbre a chegada da última tropa carregada de couros ou farinha, a devoção com suas peculiares e exageradas manifestações festivas e associativas representava um papel de elevada importância.

A êste respeito, é interessante notar que o fervor religioso e a devoção praticada pelos colonizadores, com todos os seus contrastes, sempre foi uma característica marcante da vida cotidiana que fêz profunda impressão nos primeiros visitantes estrangeiros ao Brasil (9), alguns dos quais mal a compreenderam, guiados pelo sectarismo que dividia os cristãos europeus.

Entretanto, êsse fervor e essa devoção, tão sarcásticamente descritos pelos viajantes, dos primeiros séculos, cumpriam uma missão das mais relevantes dentro da fechada sociedade colonial. Referimo-nos à necessidade de associação manifestada por tôdas as classes de que se compunha a complexa e estratificada vida do Brasil seiscentista.

Não era gratuito esse desejo coletivo de agremiação. A população encontrava nas poderosas corporações religiosas seis e setecentas uma forma orgânica para realizar suas necessidades ou reivindicações, dentro de uma estrutura legal e eficiente. As Ordens Terceiras (10), como as Irmandades, assumiram uma função assistencial e previdenciária para com os seus filiados, inclusive emprestando lhes dinheiro a juros. Em tais Ordens quase sempre andaram juntos os benefícios temporais e os espirituais. Os primeiros eram de caráter econômico, recebidos em caso de morte ou necessidade; os segundos, incluíam, entre outras coisas, a celebração de missas para o irmão defunto — o que também custava dinheiro e constituía, portanto, uma espécie de "seguro espiritual" dos irmãos (11).

De todas as funções exercidas pelas Ordens Terceiras destacam-se os chamados "sufrágios", garantidos por estas corporações a seus sócios. Consistiam em missas que mandavam celebrar pelas almas dos irmãos falecidos. O acendrado espírito religioso dos associados levava a pensar que, quanto maior o número de missas rezadas pela alma do defunto, mais rapidamente se veria livre dos padecimentos que, pelas culpas terrenas, estivesse sofrendo na outra vida. Os familiares do morto encontravam na realização das missas profundo consolo pela morte do ente querido; a presença de amigos e vizinhos, o abundante número de padres e o solene cerimonial dos atos religiosos eram fonte de prestígio. Algumas Irmandades garantiam até quarenta missas. E não era só. Além dos sufrágios, os irmãos asseguravam-se uma sepultura condigna, garantida pela corporação. Essas concessões de evidente e considerável valia e mesmo um alto privilégio para os irmãos, impunham-se como motivo de sedução para que todos procurassem ingressar na corporação correspondente ao seu status social.

Não eram também para menosprezar as satisfações que o fato de pertencer a tais associações representavam para os vivos. A possibilidade de ombrear-se com pessoas de qualidade comprovada, de poder chegar a dirigir a Ordem, ou, pelo menos fazer parte da Mesa, de participar, ostentando cobiçados hábitos religiosos, nas complexas e ricas procissões, onde a prata, o ouro, as sedas, os veludos e os damascos rivalizavam em colorido e beleza com as abundantes flôres, archotes e tocheiros, numa sociedade tão escassa de oportunidades de ostentação, quase sempre subordinadas a atos religiosos, devia ser grandemente convidativa e valorizada pelos cacheiranos daqueles tempos. Não menos o seria a oportunidade de competir com os membros de outras Irmandades na posse das mais belas e grandiosas igrejas ou dos altares mais ricos.

Como proprietárias, com direitos civis reconhecidos, dos bens que adquiriam com recursos obtidos das anuidades pagas pelos sócios, dos legados que lhes deixavam em testamento os benfeitores e dos lu-

ros auferidos pela administração de seu patrimônio, assim como das igrejas e capelas que construíam, dos escravos, imagens, utensílios e mobiliários de seus templos, as Irmandades e Ordens Terceiras desenvolveram considerável poder econômico (12), chegando, em alguns casos, a construir verdadeiras fortunas, tanto em casas de aluguel como em dinheiro a juros.

A essa riqueza e ao esforço das Irmandades, nunca por demais ressaltada, devemos muitos templos, obras de talha e ourivesaria, que são hoje o orgulho da nossa cultura.

Estas associações religiosas, especialmente as Ordens Terceiras que sempre agruparam os homens poderosos, comerciantes e intelectuais, além de supridoras da falta de outras formas lúdicas, verdadeiros canais de ascensão numa sociedade cuja estratificação dificilmente permitia a elevação de homens de côr e mestiços às classes dominantes proliferaram de maneira singular em todo o Brasil durante os séculos XVII e XVIII, iniciando sua decadência nos XIX e quase desaparecendo, pelo menos em seu aspecto externo, nas primeiras décadas do século atual.

Como conseqüência, uma das características do Brasil colonial foi o agrupamento de grande parte da população em confrarias ou irmandades religiosas e Ordens Terceiras (13), dentre as quais sobressaíram por seu poderio as do patriarca São Francisco e a do Carmo, a primeira implantada na Bahia em 1635 (14) e a segunda, em 1636 (15).

Compreende-se facilmente que, com a fundação do Convento do Carmo de Cachoeira, e, com o desenvolvimento da aldeia, pouco mais tarde convertida em freguesia, três anos depois da chegada dos carmelitas, também fôsse criada a Venerável Ordem Terceira do Carmo, o que aconteceu em 1691 (16). Não deveria estar alheio a esta fundação o chefe dos Adornos, que tanto tinha colaborado para a instalação daqueles frades em Cachoeira.

Parece que primeiramente os Terceiros do Carmo utilizaram uma das capelas do convento, provavelmente em outra igreja que existiu no mesmo lugar onde está a que ainda hoje se pode admirar (17).

Das escassas notícias que nos chegaram, podemos deduzir que inicialmente tinha sido instituída como Irmandade, passando mais tarde, em 1696, à categoria de Ordem Terceira. Sem poder confirmar essa possibilidade, o certo é que, a 8 de setembro de 1696, recebeu seu compromisso, o qual foi coordenado por Frei Manoel Ferreira da Natividade, Vigário Provincial do Rio de Janeiro, Comissário Reformador e Visitador Geral da Ordem carmelitana. Por êsse compromisso continuaram os Terceiros cachoeiranos a reger-se até a segunda década do século atual (18).

Com a instituição consolidada pelo compromisso, os Terceiros passaram a planejar uma sede definitiva, com capela própria, indepen-

dente da igreja do Convento do Carmo onde, como foi visto, utilizaram por alguns anos uma de suas capelas.

Os primeiros passos para conseguir um terreno onde construir a projetada edificação foram dados em 1700, provavelmente por um membro poderoso da família, que sempre encontramos presente nas mais significativas ocasiões para o engrandecimento da povoação por êles criada. Era o Capitão João Rodrigues Adôrno, o mesmo que, com sua mulher Ursula de Azevedo, tinha doado as terras para a construção do Convento do Carmo. Este representante de tão notável família, a 24 de outubro de 1700 decidiu fazer doação gratuita de uma casa térrea e do terreno necessário para a construção da igreja e do consistório da Ordem Terceira do Carmo (19). Confirmou esta doação em 17 de julho de 1701, sendo Prior da Ordem (20) e por fim foi lavrada a correspondente escritura em 30 de novembro de 1702, conforme a certidão que parava em poder da Mesa, e que foi extraída pelo tabelião Helvécio Vicente Sapucaia do Livro de Notas n. 1, folhas 140 a 141 verso, do Tabelionato daquela cidade (21).

Antes de iniciar a construção do templo e do consistório, talvez prevendo futuras discórdias com os regulares da Ordem do Carmo, os Terceiros celebraram Mesa, a 23 de junho de 1701, em que foram reguladas convenientemente as obrigações recíprocas entre os irmãos da Venerável Ordem Terceira e a religião do Carmo.

Nessa ocasião regia ainda os destinos da Ordem, como Prior, Antônio Cardoso Pereira, sendo Subprior João Rodrigues Adôrno, o doador dos terrenos em que deveria ser edificada a igreja, pouco depois eleito Prior, e Vigário Comissário do Carmo, Frei Antônio de Santa Rosa. Este ato foi assinado por mais cinco frades carmelitas e outros membros da Mesa da Irmandade (22).

A Ordem, governada por um homem com a energia, posses, decisão e desprendimento do Capitão João Rodrigues Adôrno, não teve que esperar muito tempo, provavelmente, para iniciar a construção de sua igreja. Lamentavelmente nada sabemos sôbre a autoria do risco sôbre o qual foi construído êsse belo conjunto arquitetônico. Nem ao menos em que data foi lançada a primeira pedra. As obras da igreja devem ter começado nos primeiros anos do século XVIII. Pensamos assim à vista do estilo da fachada, que estaria concluída já em 1724, prolongando-se as do consistório e claustro até 1778 (23).

A planta dêstes edifícios está formada por três espaços bem definidos. Quase no centro, aparece o claustro retangular, do qual a igreja da Ordem e a conventual formam os dois lados menores, e a sacristia, com o corredor da entrada e a escada, mais a ribanceira que existe por detrás, os maiores. Este claustro, que possui quatro elegantes arcos rebaixados nos lados menores, e cinco nos restantes, com pilastras octogonais, forma, com a sacada de madeira e os diversos pla-

nos brancos das paredes e obscuros dos telhados das igrejas e consistório, um conjunto de grande plasticidade e raro caráter, já fortemente impregnado do que viria a ser o estilo brasileiro, sem que por isso deixe de acusar sua estirpe portuguesa.

A disposição da igreja, que está colocada paralelamente à conventual, do lado do Evangelho, obedece a um esquema muito simples, completamente retangular; tem apenas capela-mor, relativamente profunda, com uma porta de cada lado e duas portas laterais na nave, próximas aos altares colaterais do arco-cruzeiro, e outras duas, também laterais, sob o côro. As da Epístola comunicam com o claustro e a *loggia*, e as do Evangelho com a dependência das carneiras.

Como vimos, do lado do claustro, no corpo do edifício que forma ângulo com a capela, encontra-se a sacristia, ampla, com duas portas e três grandes janelas para as arcadas da fachada da entrada.

A segunda planta, ou andar nobre, por cima da sacristia, é ocupada pela varanda de arcadas da fachada principal, um de cujos arcos foi fechado posteriormente para construir ali a capela de Nosso Senhor dos Passos, pela pequena casa dos milagres e o grande salão do Consistório, que dispõe de quatro portas, duas de cada lado, e espaçosa sacada de madeira com vistas para o claustro. Outra dependência, sobre as carneiras, com uma entrada lateral independente e outra pelo côro, servia como auxiliar nos serviços do consistório.

Compõe-se a fachada da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira de três partes, de épocas e estilos diferentes: a capela, a sacristia-consistório e as carneiras. Apesar dessas diferenças, nada quebra a harmonia das severas linhas do edifício, onde o vazado das arcadas dá uma plácida sensação de leveza, equilibrando admiravelmente a singela e densa fachada da igreja. Essa fachada, enquadrada pelas pilastras dóricas dos cunhais e a cornija, ricamente emoldurada, sem imposta nem divisões entre as plantas, possui apenas um portal de "tipo fora do comum... com a sua forma complicada em duas ordens de pilastras sustentando um frontão no estilo de *voluta partita*" (24), que dá entrada à nave, e duas janelas à altura do côro. Sobre o frontão da porta, um escudo da Ordem, com uma data que se presume seja a da conclusão das obras desta fachada. Como arremate da composição, um frontão, com um óculo central. Todos esses elementos, na mesma disposição, os encontramos em fachadas de igrejas baianas seiscentistas, e a arquitetura da bela portada está incontestavelmente ligada a outras que, do século XVII, ainda existem em Salvador e em Cachoeira.

É inegável seu parentesco com as fachadas de igrejas como São Lázaro, Nossa Senhora da Penha do Iguape, São José do Jenipapo, São Lourenço de Itaparica, Espírito Santo de Abrantes e capela da Ajuda de Cachoeira. A este respeito diz Robert C. Smith: "O pri-

mitivo estilo de desenho da fachada continuou em uso até a primeira década do século XVIII, especialmente nas comunidades situadas fora da cidade da Bahia. Assim, a igreja da Ordem Terceira do Carmo em Cachoeira, que é posterior a 1701, preserva, apesar da sua decoração barrôca, a estrutura básica da frontaria típica do estilo missionário" (25), em que êle classifica as igrejas acima mencionadas.

Isto faz pensar que, talvez, a data gravada sôbre a porta, considerada por Santos Simões como a que assinala uma das fases da obra (26), tenha sido mal interpretada até agora. A êsse êrro se presta bastante a disposição em que estão colocados os algarismos, visíveis embaixo do escudo da fachada:

1
7 2
4

que vêm sendo lidos como o ano de 1742. Levando em consideração a data da escritura de doação do terreno (1702), e à vista do arcaizante estilo dessa fachada, assim como as datas atribuídas à decoração do interior, podemos admitir que os algarismos mencionados devem ser lidos como o ano de 1724. Esta data, para conclusão das obras de alvenaria da igreja, se adapta melhor ao estilo da fachada, que para Bazin também indica o início do século XVIII (27). Realmente, tanto a decoração do arco como o frontão com volutas da porta poderiam corresponder perfeitamente a essa época.

Referindo-se às igrejas da Ordem Terceira do Carmo e conventual de Cachoeira, diz Smith que "As fachadas das duas igrejas mostram bem um contraste entre o estilo barroco do início do século XVIII e o posterior rococó. A Ordem Terceira guarda em geral as severas formas retilíneas do tão falado estilo jesuíta do século XVII. Foi observado o tipo característico de fenestragem. Igualmente típicas são as rígidas jambas das duas janelas, as linhas contínuas do frontal e os austeros remates do telhado e do portal, representando uma combinação de motivos com vasos e obeliscos. A decoração em gesso do escudo com o emblema carmelita coroado é composto por formas empregadas em Portugal logo no início do século XVIII. Essas são também vistas no entalhe em mármore do belo lavabo importado que há na sacristia da Ordem Terceira de São Francisco em Salvador, mais ou menos contemporâneo ao término daquele predio em 1703" (28).

Ligando a capela à igreja conventual, do lado da Epístola, existe uma ala de edifício, cuja planta baixa está destinada à Sacristia, e o primeiro pavimento, a consistório. A fachada atual desta construção, em plano inferior ao do telhado do consistório, que lhe fica detrás, está constituída por duas séries de cinco arcos superpostos, os de cima

rebaixados, com balaustrada de madeira e pilastras octogonais, dando origem a duas galerias de grande originalidade em nossa arquitetura colonial, que contrastam magistralmente com as massas da capela e da igreja dos carmelitas regulares.

As diferenças de altura e construção, existentes entre o edifício da sacristia-consistório, cuja decoração parece ter sido executada cêrca de 1750-60, e as galerias que hoje lhe servem de fachada, podem indicar que estas galerias foram construídas posteriormente, na mesma época que o claustro — de idêntico estilo — o que deve ter acontecido provávelmente cêrca de 1778, quando se deram por concluídas as obras da Ordem Terceira do Carmo.

Completam o conjunto, do lado do Evangelho da capela, a estreita fachada da dependência das carneiras, decorada, na primeira planta, com um arco, fechado aproximadamente em 1769 (29), data provável para a construção da segunda série de carneiras, e dois óculos.

No interior do pequeno templo, surpreende a riqueza decorativa. Guarnecido totalmente de talha, — de diversas épocas — oferece espetáculo inesperado no qual sobressaem os acordes cromáticos do ouro, da madeira e do azul do revestimento cerâmico. Em harmônicas proporções, embora diminutas, tem a igreja seu corpo e capela-mor e, apesar dos ornatos de madeira diferirem no estilo e na idade, existe uma inegável unidade estética (30).

É evidente que tanto as obras externas como as internas da Ordem Terceira do Carmo não foram feitas de uma só vez. Os diversos estilos da fábrica e da decoração o denunciam sem lugar a dúvidas. Mas, na verdade, poucas vêzes um monumento apresenta as proporções, riqueza e beleza desta igreja cachoeirana, cuja decoração mereceu do historiador do barroco brasileiro, German Bazin, a qualificação de admirável, lamentando que não exista nenhuma menção dela (31).

Para Bazin, o mais belo conjunto de talha existente no Estado da Bahia, depois do que podemos ver no convento franciscano de Salvador, decora a capela da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira. Nesta, igual que em São Francisco, a obra de talha reveste, em quase sua totalidade, tanto a capela-mor como a nave, e oferece uma grande originalidade, apesar da semelhança que apresenta com o atelier de São Francisco, pelo menos, para a primeira fase que compreende parte da capela-mor e parte da parede do arco-cruzeiro (32).

Poucas, talvez nenhuma capela-mor do Brasil pode ser comparada em elegância e beleza a esta da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira. O retábulo de seu altar-mor, acreditamos não tenha igual entre os joaninos que ainda se conservam no País.

Na predela, quatro mênulas de cada lado, em forma de atlantes meninos, ladeiam o painel central, que contém o sacrário, cujas formas onduladas se combinam com a vigorosa e profunda talha de esvoaçantes fôlhas de acanto, em delirantes e voltuosas curvas. Sobre a predela, o nicho do trono, de formas reentrantes, com duas ricas colunas torsas verdes, de cada lado, cobertas por exuberante flora dourada, sôbre a qual repousam aves fantásticas. Entre as colunas, duas pequenas figuras de santos, sob discretos suportes, cobertas com cúpulas de gomos. De extrema felicidade é a concepção do trono, ao gôsto português, com degraus modelados em amplas curvas de magistral desenho, lamentavelmente encobertas e mutiladas, em parte, pelo nicho de N. Senhora do Carmo colocado em frente, em época posterior, provàvelmente na mesma em que se fizeram os altares laterais da nave. No centro dêste espetacular conjunto de talha, no alto do trono, uma dramática figura de N. S. do Bonfim, de tamanho quase natural, entre resplendores de ouro, faz dêste nicho uma jóia sem par em nossa escultura religiosa barrôca. Encerram êste assombroso retábulo dois arcos concêntricos, sôbre mênulas descentradas, que descansam em cima do cornijamento das colunas. Sentados nas mênulas do primeiro arco, rapazes simulam pegar na cúpula concheada com sanefa de bicões, que suportam as mênulas do segundo arco, e, sôbre esta, o grande docel piriforme, sustentado por dois anjos. coroamento do altar-mor, uma das formas preferidas do atelier de São Francisco da Bahia, segundo Bazin (33).

Na capela-mor, enriquecem a decoração das paredes os vãos das tribunas, evidentemente posteriores ao altar, com bicões nas sacadas e na alta cornija de talha que as garante, do mesmo estilo rococó nascente das que existem na nave, entre as quais foram colocadas seis quadros, três de cada lado, alternando com as tribunas. Do lado do Evangelho, a partir do altar-mor, encontram-se os que representa São Zacarias, São Pôrto e Santa Pelágia, e, do lado da Epístola, também a começar pelo altar-mor, São Osias, São Jacinto e Santa Maria Egipciaca.

Sôbre as tribunas corre um bellissimo e largo friso de talha e imitação de mármore azul, igual ao da nave.

A decoração da capela-mor se completa com o fôrro de madeira em forma de abóbada de meio canhão, quase inteiramente recoberto de talha, com desenhos circulares entrelaçados geomêtricamente, que lembra bastante o da capela-mor de São Francisco da Bahia, embora êste dos terceiros cachoeiranos seja muito mais simples. Tôda essa parte da decoração mostra já muito de *rocaille* e corresponde ao segundo estilo daquela igreja franciscana, executado, segundo Bazin, aproximadamente em 1740 (34).

Entretanto, o fato de os azulejos da capela-mor terem sido cortados para colocar as tribunas e as portas laterais daquela capela denota que as obras de talha que a adornam devem ser posteriores a 1745-50, data em que Santos Simões acredita tenham sido pintados os referidos azulejos.

O arco-cruzeiro, com pilastras de vigorosa talha fito e zoomorfa e capitéis coríntios, rematado por um magnífico escudo da Ordem coroado com dois anjos e uma riquíssima cartela de cada lado, é extremamente semelhante ao arco-cruzeiro e ao arcos das capelas laterais da igreja de São Francisco da Bahia. Para Bazin este arco-cruzeiro e o altar-mor são obras realizadas em 1730-40 (35).

Resumindo, é impossível negar que existe grande parentesco estilístico entre a decoração, especialmente os altares de Nossa Senhora da Glória e São Luís Rei (hoje do Sagrado Coração de Jesus), da igreja de São Francisco da Bahia, construídos entre 1741 e 1743, e o altar-mor da Ordem Terceira, assim como entre o arco-cruzeiro desta igreja e o da baiana de São Francisco.

Na nave, pode-se ver facilmente que a decoração corresponde a duas ou, talvez, três épocas diferentes.

Aos lados do arco-cruzeiro, dois altares com predela análoga à do altar-mor, colunas salomônicas, com capitéis coríntios, cobertas de flora, e arquivolta torsa, também com decoração fitomorfa, em cujo centro campeia uma cartela semelhante às do arco-cruzeiro. Nestes altares é evidente seu parentesco artístico com os de São Francisco e Santa Teresa em Salvador, embora estes últimos, mais antigos provavelmente possuam dois, três ou mais arcos concêntricos reentrantes. São riquíssimas obras de talha profunda, contorcida em mil curvas inverossímeis, especialmente nas pilastras ao lado das colunas e na arquivolta, em torno do nicho.

Estes altares foram dedicados antes de 1866 a N.S. das Dores e ao Senhor dos Passos, imagens de roca, para cuja proteção foi necessário suplementar, internamente, o arco com uma volta a mais, para afixar vidraças nos nichos, afeiando extraordinariamente os retábulos, modificações realizadas em fins do século XVIII ou primeira metade do século XIX.

Entretanto, acreditamos que antes da entronização destas imagens os respectivos altares estivessem dedicados a outros oragos. A presença, na casa dos milagres, de duas imagens, uma delas de Santa Teresa, da primeira metade do século XVIII, de tamanho e estilo que bem se enquadra com o dos altares comentados, nos leva a pensar que, em outros tempos, algum deles estêve dedicado a Santa Teresa de Jesus, onde ficava exposta a referida imagem. Reforça nossa hipótese o fato de que os terceiros cachoeiranos utilizaram por alguns anos,

antes de construir sua igreja, a capela da Santa Doutora avulense que existiu na igreja conventual, cuja imagem, provavelmente, é uma das duas que se guardam na casa dos milagres, com a aparência de ter sido esculpida no século XVII, ali depositada quando se arruinou a mencionada capela, na segunda metade do século XIX.

Em nossa opinião, os altares colaterais do magnífico arco-cruzeiro, até a primeira cornija, que enquadra o retábulo, são provavelmente contemporâneos do altar-mor e do próprio arco-cruzeiro, onde aparecem, também, motivos zoomorfos. Poderiam ser estas as obras de talha mais antiga da igreja, feitas, talvez por volta de 1730-40.

Com o tempo, novos acréscimos decorativos foram feitos no vão da parede, que deveria existir sobre os altares. Ali colocaram, de cada lado do arco-cruzeiro, entre duas pilastras em forma de mênslas, sobre as quais descansam anjinhos ou "rapazes", pequenos nichos falsos, com cúpulas e cortinados figurados, que, afastados, revelam de um lado um pelicano alimentando seus filhos, e no outro sem dúvida uma fênix, símbolos cristológicos, sob um docel com sanefas de bicão, que divide a composição em duas partes, à altura do capitel da pilastra do arco-cruzeiro. Na superior, tanto os motivos fitomorfos da talha, que perderam em naturalismo para converter-se em simples volutas ou concheados; como estilo deste painel estão a indicar datas próximas a 1750 para sua execução.

Nas paredes laterais da nave, dois altares enquadram um púlpito. "Os altares possuem uma forma muito curiosa; são escavados em concha e cobertos (como as janelas das tribunas) de altos frontões de contornos muito recortados cujas volutas e ramperas curvam-se e recurvam-se à chinesa; a influência extremo-oriental é patente" (36). Estão dedicados, começando pela entrada, do lado do Evangelho, a São Espiridião, a Santa Isabel de Portugal, e do lado da Epístola, a São Luís da França e a Santa Joana.

Certamente estes altares da nave são as obras de talha mais recentes das que existem na Ordem Terceira. Pensa Bazin que tanto os altares como os púlpitos foram executados em 1760. É de notar a semelhança que existe entre o recorte da cornija desses altares e o do altar-mor da igreja da Graça, em Salvador, este posterior a 1770 (37), e com o altar-mor da igreja da Santa Casa de Misericórdia de Olinda lavrado em 1771.

Entretanto, não parece muito acertada a data que nos dá Bazin para os púlpitos e suas respectivas cornijas. Antes de intentar qualquer datação, necessário se faz notar a semelhança que guardam com obras parecidas existentes em igrejas de Salvador, tais como a decoração da sacristia do Pilar, feita em 1795. Em nossa opinião, tais

obras são de época tardia, não muito longe da mencionada para a igreja baiana.

Sôbre os altares, os vãos das tribunas, ricamente ornamentadas, coroadas de sanefas e altas cornijas de recorte, como foi dito, muito parecido ao dos altares, providas de balcões de onde pendem bicões.

Embora à primeira vista estas tribunas possam parecer iguais às da capela-mor, uma análise mais detida evidencia as grandes diferenças que entre elas existem, demonstrando que foram feitas por outras mãos, e, seguramente, em época mais recente que às da nave, contemporâneas do côro.

Também merece ser notado que, tanto as sobreportas das tribunas da capela, como as das portas laterais desta capela e da nave, são iguais, bastante diferentes entretanto das que decoram as tribunas da mesma nave. Deve-se, provavelmente, como já fizemos notar para outros elementos decorativos, ao fato de terem sido executadas alguns anos antes.

Alternando com as tribunas, sôbre as portas próximas ao arco-cruzeiro e aos altares, repetindo, em alguns casos, a efígie do santo titular destes, estão seis quadros emoldurados com uma orla muito decorada, de grande semelhança com o recorte dos altares, assim distribuídos, a começar pela direita da porta de entrada: São Esperidião, B., Santa Isabel, R., São Franco. Do lado esquerdo da entrada, em direção à capela-mor, encontramos São Luís Rei da França, Santa Joana e São Eduardo da Inglaterra.

São êstes quadros, evidentemente, obras saídas das mãos de artistas de pouca habilidade, aparentemente o mesmo que pintou os painéis dos forros, muito embora o tratamento da luz e da sombra seja mais acentuado, nestes quadros, conseguindo um claro-escuro em tons pouco brilhantes à base de prêto e côres terrosas — de acôrdo com o hábito carmelitano que vestem — com desenho pouco correto, mas de inegável bom efeito, guardando grande unidade com o resto da decoração.

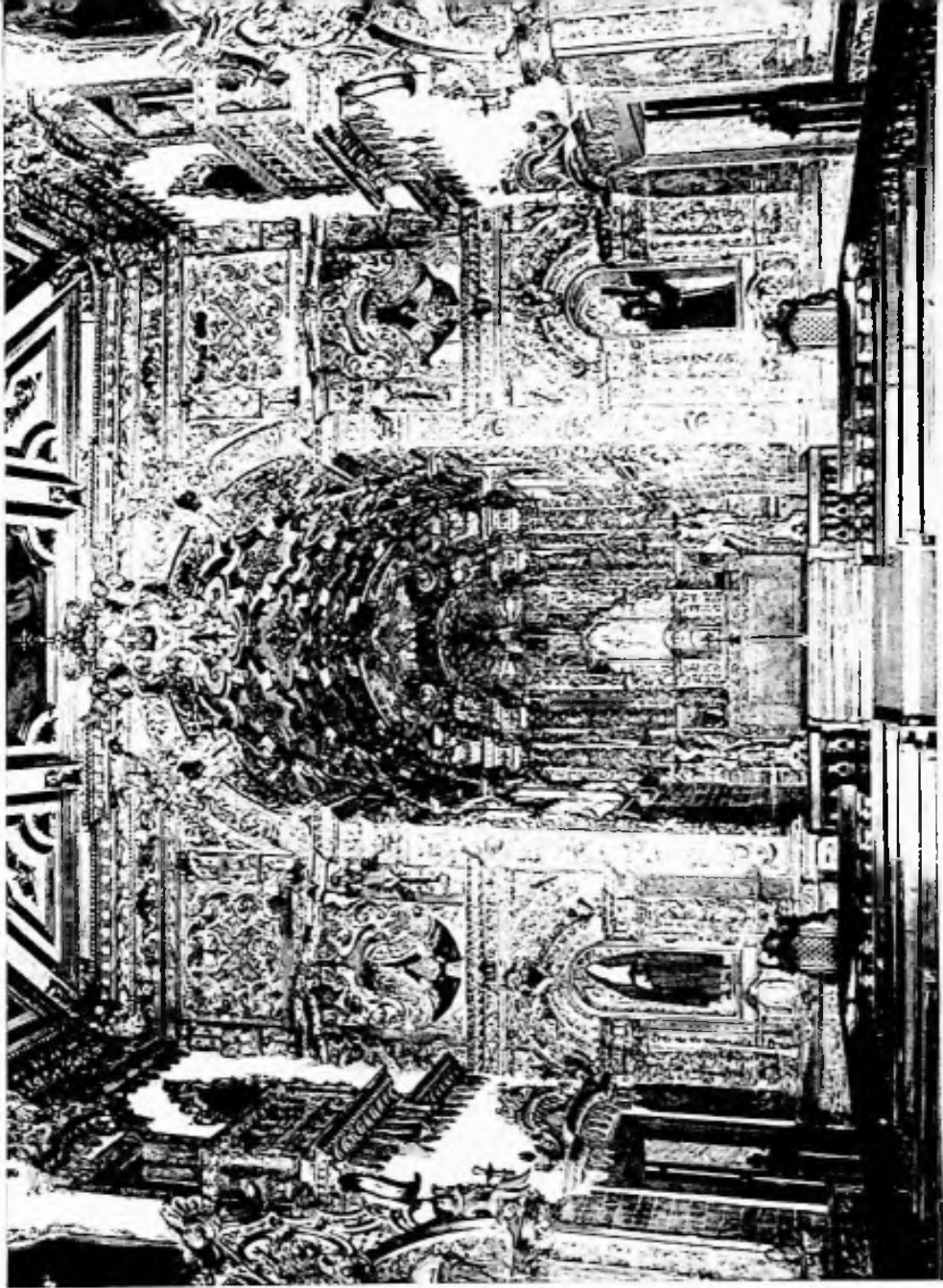
Também entre êstes quadros e os da capela-mor, notam-se diferenças que devem ter explicação cronológica, embora o tempo transcorrido entre a execução de ambas possivelmente não tenha sido grande. Apesar dos concheados, o recorte da orla dos quadros da capela-mor parece-nos menos evoluído no sentido do estilo que predomina nas altares laterais da nave, que seriam de cêrca de 1760 e se reflete nas orlas dos quadros desta.

De bom efeito, embora um tanto perdidos na floresta decorativa que cobre as paredes da nave, vêem-se seis braços-tocheiros, com fundo de espelho e moldura com concheados. Estas peças, e as da sacristia, muito interessaram ao historiador da arquitetura colonial baia-

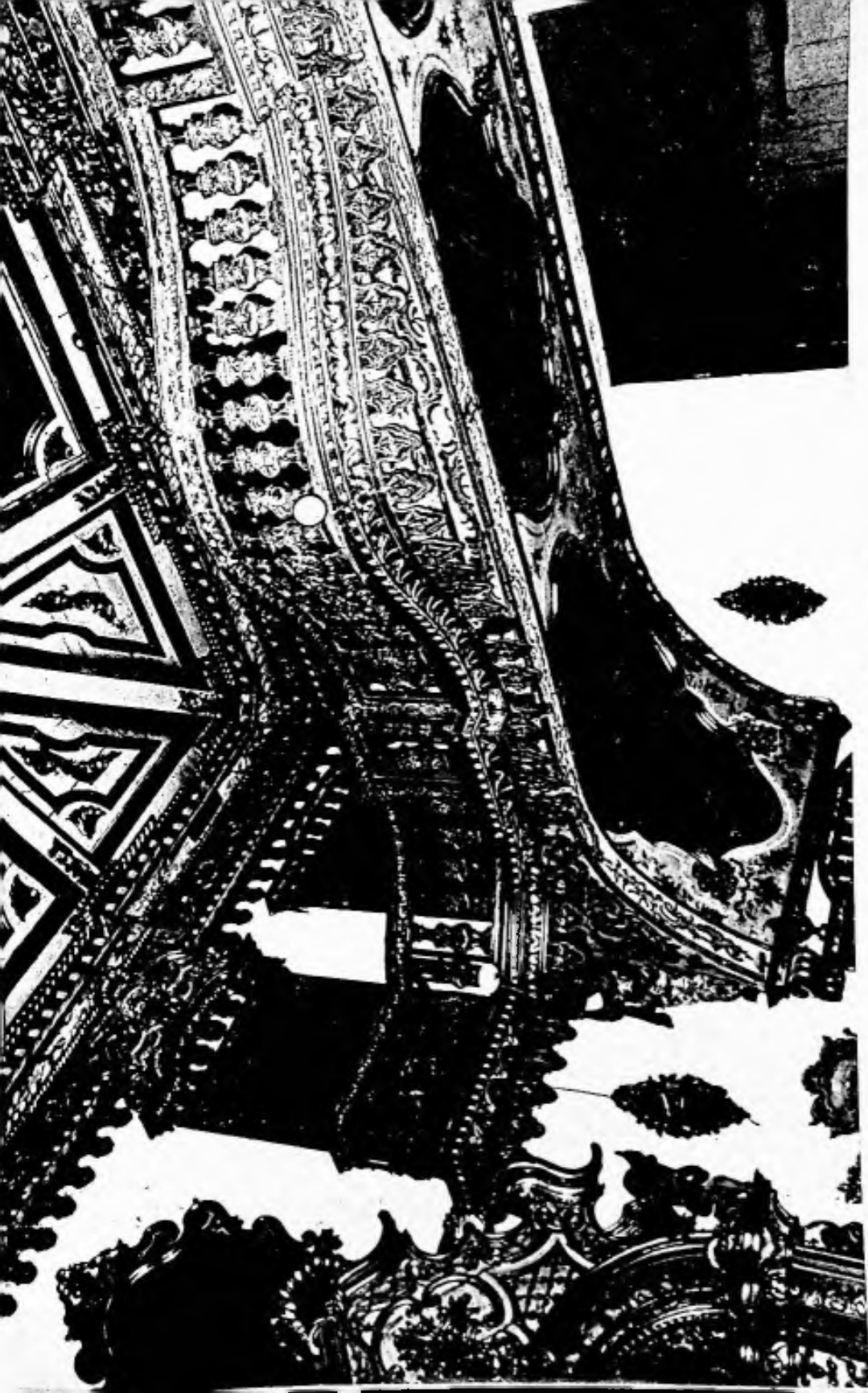


UNIVERSITAS

Fachada da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira.



Interior da Ordem Terceira do Carmo



Côro da Ordem Terceira



UNIVERSITAS

Santa Teresa de Ávila, recebe a visão de Nossa Senhora do Carmo.
Pintura de autor anônimo, existente no fóro do côro da Ordem Terceira.

na Robert C. Smith, que atualmente as estuda, e promete um trabalho sôbre o tema.

Sôbre as molduras dos altares, nas cornijas, por tôda parte, vasos flamejantes, colocados posteriormente, contribuem para enriquecer a linguagem plástica da decoração desta igreja.

A nave é coroada por uma cornija de talha, com cachorros espaçados, de estilo parecido ao da capela-mor, embora a policromia desta denote uma data mais recente para sua execução, e recoberta com um fôrro de pintura. Este fôrro, de forma abaulada, consta de onze painéis quadrados, três no centro, três de cada lado, um sôbre o arco-cruzeiro e outro sôbre o côro, com assuntos referentes à história carmelitana, que tem sido atribuídos a José Teófilo de Jesus, autoria até agora não confirmada. O estilo dêste pintor baiano, nascido por volta de 1757, em nossa opinião não corresponde a nenhuma das pinturas existentes na Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira.

Provavelmente, a peça mais interessante da decoração da nave é o côro, onde ainda em 1866 existia um órgão. Do mesmo estilo e época que as tribunas, possui uma balaustrada de caprichosa planta que imita a das predelas do altar-mor e dos laterais do arco-cruzeiro. Nos extremos se liga aos balcões das últimas tribunas, que são como prolongamentos do côro, curvando-se suavemente para dentro, adiantando-se para formar saliências quadrangulares, com um só balustre, à altura das soleiras da porta de entrada da igreja, iniciando imediatamente uma graciosa curva central, que se projeta no vazio da nave com grande elegância.

O côro descansa sôbre um assoalho de madeira, cujos extremos foram arredondados por baixo para simular uma abóbada muito rebaixada. Nos ângulos que formam êste arco com as paredes da nave, grandes figuras de jovens meios corpos de clara tradição lapradiana — suportam a união do côro com as tribunas.

É no fôrro, debaixo do côro, onde encontramos as melhores amostras da pintura que decora a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira. Ali podem ser vistos três medalhões, ou painéis, de recortada moldura, com concheados nos ângulos, que lembram bastante os que adornam as abóbadas dos arcos colaterais do cruzeiro da igreja dos jesuítas, atual Catedral do Salvador, êstes executados, evidentemente, antes de 1759, e muito provavelmente depois de 1750.

Em tôrno dos painéis e no arco, uma maravilhosa decoração de delicadas e miúdas flôres e concheados, pintados em azul, cinza, rosa forte, vermelho e branco, criam um rico fundo para os medalhões. Também nesta decoração, as influências orientais são evidentes, tanto no estilo derivado do papel pintado de origem chinesa, como na técnica com que foram pintadas as flôres.

É de notar que êste mesmo tipo de decoração rococó existe no fôrro da sacristia e tem similares nalgumas igrejas mineiras.

Para uma tentativa de datação do côro e das tribunas é necessário não perder de vista a identidade que guardam com as tribunas da igreja do colégio de Belém, estas feitas, sem dúvida, antes de 1759.

Mas nem tudo é talha dourada ou policromada nesta capela. Contrastando com os altares e a decoração, a extensa grade de jacarandá de recortados balaustres em forma de vasos, com seus estranhos confessionários, rodeia a nave e isola os altares e o arco-cruzeiro, destacando-se sôbriamente junto às ricas côres que dominam de forma esmagadora o sugestivo ambiente.

Para essa riqueza cromática contribuíram as portas das tribunas e da nave que originariamente lá estiveram pintadas, imitando tartaruga, com molduras policromas, hoje quase irreconhecíveis, obscurcidas pelo tempo e a desídia.

Diz Bazin que "a decoração da nave revela uma data ulterior e um espírito diferente da capela-mor. O revestimento não é mais dourado, mas policromado, os ornamentos dourados destacam-se sôbre fundos pintados com imitação de mármore, de côr azul raiado; o vocabulário se transforma um pouco; elementos como a guirlanda, os fundos de mosaicos, os painéis dos púlpitos, recortados abertos em renda, enunciam já o estilo pós-rococó.

"Tudo isso misturado ao velho repertório, com êsses têrmos — "*Atlantes*" em forma de espiral que enquadram os altares, bem assim os postiches". A plástica permanece bastante redonda e não tende ainda a se estender sôbre a parede.

"A ausência de sinal cronológico torna difícil a dotação desta encantadora decoração deve ser, em todo caso, posterior aos anos 1765 aproximadamente.

"O mesmo "atelier" decorou o côro, os púlpitos, as tribunas da matriz do Rosário de Cachoeira" (38).

Como se não bastasse a obra de talha já descrita, a igreja da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira está enriquecida por uma magnífica coleção de azulejos, cujo contraste com o ouro dos altares, a policromia das cornijas e os tons escuros do jacarandá das grades, cria um ambiente de encantamento cromático que dificilmente é superado em outras igrejas.

Vejamos como descreve o mestre Santos Simões aquêlê conjunto de cenas bíblicas, nas ricas tonalidades azuis da azulejaria portuguesa do século XVIII.

"Os azulejos da nave repartem-se em painéis de cabeceira recortada atingindo quase três metros (vinte e um azulejos) na parte central, pintura de azul de bom quilate, enquadramentos ponteados de equilibrada posição. Os centros figurados dão testemunho de pas-

sagens do Velho Testamento, identificados com legendas em português. Do lado do Evangelho, mais próximo à entrada, lemos nos painéis:

- | | | |
|------------|----------------|--------------------|
| 1) Sol pa | 2) Sacrifi | 3) Escada de Jacob |
| rado Josué | cio de Abrahan | Genes, 28 |

êste último ofendido pelo encastramento de teia que limita os altares laterais. O próximo painel foi destruído quando se colocou o púlpito tendo ficado apenas a legenda:

Juizo de Salomão 3 Reys 3

“Encostado ao outro altar:

4) Volta de Jacob Genes 31

ao qual se segue uma porta e logo depois, outro painel sacrificado em parte à colocação do altar colateral e que deveria mostrar a construção do templo de Salomão: aí a legenda desapareceu totalmente.

“Passando o arco-cruzeiro e continuando pela nave, agora do lado da Epístola, temos um painel truncado como o anterior, desta vez com figuração representando uma luta que me não foi possível identificar. Após a porta que comunica com o claustro, vemos novo painel com uma longa legenda:

5) Apareceu deos

a Salomão em sonhos elhemos —

trou que amava encon— —

templação de seu pay

David

Reys

“Segue-se a legenda de outro dos painéis sacrificados pelos púlpitos:

Jacob na prezensa

de Lavan, Rachel e Lia

Genes 29

e finalmente um painel completo:

6) Rainha de Sabá

3 Reys 10

“Na capela-mor o alizar sobe até ao nível das janelas, em vinte e três azulejos de altura (cêrca de 3,30 metros) e tem dois grandes painéis, um de cada lado, infelizmente truncados. A mutilação teve lugar principalmente nos emolduramentos, tendo-se salvo a parte iconográfica; representa-se, do lado do Evangelho a imagem conhecida de Nossa Senhora do Monte do Carmo, abrigando sob o manto grupos de personagens da igreja e, do lado contrário, Santo Elias subindo ao céu no carro de rodas de fogo. Os enquadramentos são idênticos aos dos painéis da nave, ou seja, cercatura, ponteada, relativamente calma, dando bastante espaço para figuração. Na capela-mor os pai-

néis não são recortados, mas devem ter-lho sido antes da abertura das duas janelas por banda, que vieram alterar o equilíbrio da decoração.

"Impossibilitado de conferir pela documentação, julgo que os azulejos — tanto os da nave como os da capela-mor — são de uma mesma época e oficina: esta de Lisboa e aquela não longe de 1745 — 50, a julgar pelos estilos dos enquadramentos.

"A figuração foi certamente inspirada em alguma ilustração da Bíblia, das muitas que se publicaram nos princípios do século XVIII e que foram a grande fonte inspiradora dos pintores de azulejos do período da grande produção de 700. Neste caso, por exemplo, poderiam ter derivado das estampas da edição veneziana de 1625 (apud Ivntas) das mais populares e das mais reproduzidas fora" (39).

Espaçosa foi a denominação que acima demos à sacristia da Ordem Terceira. Esta dependência, à qual proporcionam entrada, pelo claustro, duas belas portas, merece tal qualificação. As portas estão guarnecidas por cornijas similares às da nave da igreja, embora com concheados assimétricos, que provávelmente indicam outra data para a sua execução. Coroa as paredes um friso com flôres pintadas e sanefas de bicão. Em tórno ao fôrro, corre uma orla de bellissimas flôres e caprichosos concheados, pintados em azul, cinza e vermelho, semelhantes aos que existem no fôrro por baixo do côro que, como foi dito, tem afinidades com as pinturas que decoram alguns forros de igrejas mineiras.

No centro dêste fôrro, um grande medalhão com recorte filiado aos painéis do fôrro do côro, no qual está representada, com vivas côres, Nossa Senhora salvando as almas do purgatório, pintado, possivelmente, pelo mesmo artista que fêz os painéis da igreja.

Um dos lados da sala está ocupado pela arcaç da jacarandá com nove gavetões de cada lado, e um altar rococó engastado no centro. Nas extremidades de cada um dos corpos do arcaç, figuras de índios adornados com cocares de penas estilizadas dão a nota indígena a êste móvel estilo D. João V, provido de magníficos tiradores de bronze, fundido e cinzelado.

Dignos de menção os quatro braços-tocheiros, em forma de cartelas, que lembram bastante as que decoram o arco-cruzeiro e os altares colaterais dêste. São êstes tocheiros, sem dúvida, mais antigos que os que existem nas paredes da nave.

Se Bazin vê influência oriental na obra de talha da capela, muito mais se nota nesta sacristia, onde uma das peças mais notáveis é o armário que ocupa um dos extremos da sala, destinado a guardar as imagens do Senhor do Hôrto, o Senhor na Coluna, o Senhor da Pedra Fria, o Ecce-Homo, São João Evangelhista e Santa Maria Madalena que, em épocas passadas, saíam nas famosas procissões de Semana Santa organizadas pelos terceiros cachoeiranos.

Nêle, as portas foram pintadas imitando tartaruga, com molduras policromas, e delicadas flôres no exterior e no interior, evidentemente cópias de modelos chineses.

Compõem-se o armário de três corpos maiores e um menor, cada qual com duas portas, com frontões de talha dourada. No interior os corpos estão divididos verticalmente em dois espaços desiguais, de acôrdo com as medidas dos santos ali guardados, exceto o pequeno, sem divisão alguma. Na parte inferior tem pesados gavetões.

Aparentemente o corpo menor dêste original armário foi feito em época posterior ao resto do móvel. Nota-se bem visível a emenda, especialmente na moldura. Também os desenhos de flôres e a pintura imitando tartaruga são diferentes do resto, e não está pintado por dentro. Trata-se sem dúvida, de um trabalho feito por mãos diferentes das que fizeram as outras partes do armário.

Em lugar de destaque, entre as duas portas, se conserva um lavabo de pedra de lioz, peça portugueza em tudo semelhante ao que existiu na Catedral em Salvador, hoje mutilado, e a outros ainda existentes em igrejas baianas.

Na andar nobre, acima da sacristia, encontra-se, como já foi dito, o consistório, com portas para a galeria e a sacada sôbre o claustro, cuja decoração consiste na sanefa de bicão que arremata as paredes, deturpada com a colocação, sôbre o friso, originariamente pintado, de outro de papel, pouco condizente com o resto da talha. Novamente vemos aqui pinturas de concheados, agora apenas com um escudo da Ordem, no centro do fôrro.

Parece que ainda em 1866 êste salão tinha, como era de praxe nos consistórios de quase tôdas as irmandades religiosas, um altar (40), hoje desaparecido, que provàvelmente ocupou o lugar em que agora se encontra o famoso armário chinês.

O móvel mais importante, ou pelo menos o que mais chama a atenção na Ordem Terceira, é inegavelmente o chamado armário chinês existente no consistório. Trata-se de uma peça rara, de grandes proporções, cuja forma e estilo estão a indicar que foi feita para ser embutida na parede, o que tem confirmação pelo acabamento dos costados e outros detalhes. As portas, externamente, assim como as largas jambas que as rodeiam, foram pintadas de branco, com tinta de cola, e, sôbre êsse suporte, em tinta marrom, foram executados os desenhos que representam curiosas cenas com figuras humanas, animais e vegetais, evidentemente decalcados em modelos orientais.

Bazin, falando da influência oriental que pensa existir nos altares da nave, diz que "ela é entretanto menos surpreendente que o lindo armário existente na sala de Capítulo, cujos painéis são recobertos no interior e exterior de pinturas imitando a arte chinesa" (41).

Dêste armário apenas a parte central é autêntica. A cornija e os desenhos do interior das portas, executados em côr azul cinza sobre branco, são más imitações das pinturas externas das portas. Os costados são de madeira bruta, e falta a jamba estreita aos lados do armário. Igual à que há entre êste e a cornija. Evidentemnete foi aproveitada a frente de um armário embutido, ao qual colocaram a cornija como arremate.

Esta peça extraordinária, que vem sofrendo os estragos causados pelos visitantes, foi colocada no consistório procedente talvez de outro lugar. Resta saber qual.

Considerando as indiscutíveis influências da arte oriental ainda visíveis na igreja jesuíta de Belém, estamos autorizados a supor o extravio de móveis e objetos com iguais características, ali existentes antes da destruição do famoso colégio anexo à igreja. Assim sendo, bem poderia ter pertencido o armário em questão ao desaparecido colégio.

Poderíamos argumentar que, havendo no colégio obras de gosto oriental e admitida a possibilidade de existirem artistas originários do Oriente ou que ali tivessem adquirido conhecimentos artísticos, a execução de obras desse tipo seria mais cabível em Belém que na Vila de Cachoeira.

Já vimos como uma das finalidades das Ordens Terceiras era proporcionar sepultura dentro de suas igrejas a seus filiados. A maior parte dos sepultamentos, até 1855, era realizada no chão da nave, mas por serem insuficientes para as necessidades ou pelo desejo de oferecer sepulturas temporais de maior prestígio aos irmãos que assim as quisessem, muitas Ordens Terceiras tinham carneiras privadas.

A do Carmo de Cachoeira iniciou em 1768 a construção das carneiras ainda existentes, num local abobadado, do lado do Evangelho da capela, cujas obras ficaram concluídas em 1769 (42).

Estas carneiras, construídas de forma a serem depositados os corpos paralelamente à parede, são doze de cada lado, em três fileiras sobrepostas, divididas verticalmente em quatro grupos, cada uma coroada por rica cornija de estuque, onde os concheados estão ainda pouco representados.

Em época posterior, foram acrescentadas mais seis carneiras, para o que foi necessário fechar a grande arcada que existiu na fachada principal desta dependência, deixando apenas dois óculos ovalados.

De grande interesse nestas últimas carneiras é a cornija que as arremata, francamente rococó, como denotam os elegantes concheados que constituem o motivo principal da ornamentação.

Surpreendentes pela originalidade são as tampas de madeira removíveis com austero aspecto padronizado, que cobrem as carneiras.

Estão constituídas por tábuas ricamente pintadas com motivos alegóricos funerários, entre curvas e concheados rococó, de vários modelos os quais, embora se repitam, possuem características próprias que os individualizam.

A ausência, nas tampas, dos nomes das pessoas sepultadas faz pensar que as carneiras eram destinadas unicamente a conter o corpos por um determinado tempo, até que, desaparecidas as partes moles, os ossos eram retirados e depositados em lugar definitivo.

Estas tampas, de uma beleza estranha, são sem dúvida, a melhor coleção de pintura funerária existente no Estado da Bahia.

Como é costume nestas necrópoles, também nas carneiras da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira há um altar dedicado a Nossa Senhora do Carmo, com retábulo de estuque. Sem que pretenda ser uma cópia fiel dos laterais da nave, guarda com êles grandes semelhanças.

Considerando a época em que foram construídas as carneiras e as afinidades dêste altar com os da nave erigidos, segundo Bazin, cêrca de 1760, não será descabido datá-lo entre 1768 e 1778, anos do início da construção das carneiras e da provável conclusão das obras, como parece indicar o último, que está gravado na escada externa.

As semelhanças existem entre as cornijas e o altar das carneiras, tanto em estilo como nos materiais utilizados (estuque) com a fachada da igreja do convento anexo, concluída em 1773, vem reforçar a datação exposta para tais obras de arte.

Quando os enterros no interior dos templos foram proibidos, passaram a ser construídos cemitérios públicos. Devendo a Ordem Terceira por exigência estatutária, proporcionar sepultura aos seus filiados, viu-se na contingência de construir também seu próprio cemitério, o que fêz em 1898. Ainda o possui.

Talvez essa seja uma das causas da decadência da Ordem. Havendo em Cachoeira três outros cemitérios, o do Rosário, o dos Alemães e o da Piedade, vencida a repugnância dos primeiros anos, a possibilidade de conseguir facilmente sepulturas nos cemitérios públicos fêz com que as Ordens e Irmandades perdessem essa vantagem que até então ofereciam, quase com exclusividade, e com ela a atração, talvez principal, que faziam sentir aos cachoeiranos.

Uma vez concluídas as obras da igreja, sacristia consistório, carneiras e claustro, parece que houve um longo período de descanso, sómente interrompido para a construção, em 1813, do átrio de fora, ou amurada que existe diante dos edifícios. Esta amurada que, ainda em 1866, era uma parede que afetava muito o aspecto dos edifícios, foi, depois dessa data, rebaixada e completada com uma alta gra-

de de ferro. Com isto, terminaram definitivamente as obras, iniciando-se o lento mas inexorável processo de destruição.

A partir dessa data, apenas encontramos outras notícias sobre a Ordem Terceira que não sejam as de uma vida rotineira, por vezes tumultuada e cheia de dificuldades econômicas.

Sem dúvida, um dos acontecimentos anuais de maior importância, não apenas para a Ordem senão também para a cidade, eram as tradicionais procissões da Semana Santa, celebradas com grande esplendor pelos Terceiros, que nelas faziam sair solenemente uma multidão de imagens, ainda hoje como vimos, felizmente conservadas, que bem falam do que deveriam ser estes atos de pública fé; lamentavelmente desaparecidos. Nem sempre, todavia, foram tão pacíficos como de desejar. Prova disto foi a reunião da Mesa realizada em 1817, quando o Tesoureiro propôs: "Estando os interesses da Ordem em decadência considerável se consumiam alguns dinheiros necessários para as cousas de obrigação e utilidade em cousas de mero luxo e, além de inúteis, prejudiciais, e motoras de intrigas entre os mesmos irmãos, como — por exemplo — gastarem-se annualmente 40\$000 e mais, conforme o entusiasmo e brio do thesoureiro, em ramos de flores fingidas, que se costumavam dar aos irmãos, e mezarios, e a outros pessoas particulares tendo acontecido por várias vezes o quererem alguns irmãos menos cordatos ramos grandes, e não se contentarem com os que lhes davam, resultando disso inimizades, intrigas, e desordens nos dias solemnes; sendo além disso improprios esses ramos, que em nada imitam os com que foi recebido em tal dia o nosso redemptor — Jesus Christo — em Jerusalém: e querendo a Meza não só economizar esse dinheiro tão supérflua e inutilmente gasto com esses ramos, e mesmo desterrar para sempre esse abuso de mero luxo de que Deus se não serve, determinasse que de agora em diante não houvessem esses ramos, nem se levassem em despeza nas thesourarias futuras. E que, em lugar delles, houvessem palmitos, compostos de lata e canutilho ou sem isto, que seria o mais próprio e decente, podendo haver alguma distincção nos da Mesa, mas nunca de flores" (43). A cordata proposta foi finalmente aprovada.

Ainda 21 anos depois dos fatos relatados, as procissões da Semana Santa continuavam sendo um dos capítulos mais dispendiosos para a Ordem. Em 1838, resolveu ela pagar 16\$000 por cada sermão dos sete que era de estilo pregar nas sextas-feiras de quaresma, e que até então vinham custando 72\$000 à Irmandade (44).

Com a construção do novo cemitério e da sua decente capela, em 1898, em terrenos cedidos pela Irmandade do Rosarinho, parece que a Ordem Terceira haveria novas forças, entrando no século XX ativamente. Ainda em 1914, a Ordem aprovava novos estatutos. A vene-

rável Ordem Terceira chegou a ter uma época de relativo vigor, pelo anos de 1926 a 1938, como demonstram os relatórios desse período.

A julgar pelos brados lançados em 1928 pelo Pe. Pedro Margalho, um dos últimos carmelitas que habitaram o convento, o estado em que chegou ao século XX a Ordem Terceira devia ser deplorável. Esta ruína, apesar dos clamores de muitos, somente veio a ser precariamente remediada, em 1954 com as restaurações feitas pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sob a direção do arquiteto Pedro Guirlande, quando foram realizadas obras no telhado e restaurações na obra de talha em geral.

Mas nem por isso estava salvo o monumento. Depois desses reparos, permanentemente fechado, sob os cuidados de pessoas humildes, que pouco podiam fazer para evitar os prejuízos que a humidade e a atmosfera rarefeita vinham ocasionando, ficou entregue ao silêncio e à solidão. Nessa situação se encontrava ainda em 1969 quando, atendendo aos apelos de intelectuais e pessoas outras interessadas na preservação dos bens culturais da Bahia, o Governador Luís Viana Filho decidiu colocar ali um encarregado de abrir e mostrar aos turistas, que cada dia em maior número ali acorrem, esta jóia do barroco nacional.

VALENTIN CALDERÓN

1 Sobre a família Adorno e a fundação de Cachoeira correm lendas que, por carecerem de fundamento histórico, merecem alguns esclarecimentos. Para a difusão dessas notícias muito contribuiu o cachoeirano Aristides Milton que, com maior boa fé que conhecimentos históricos, assegura em seu trabalho *Ephemerides Cachoeiranas* que a cidade de Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira foi fundada pelos Adornos, negando-se a admitir as notícias que nos deixou Gabriel Gabriel Soares de Souza, evidentemente mais dignas de fé.

O primeiro membro conhecido da família Adorno, na Bahia, é Paulo Dias Adorno, considerado por alguns como o fundador de Cachoeira. Nada mais incerto, entretanto. Este Paulo Dias Adorno, segundo Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, era um fidalgo genovês que veio à Bahia, fugindo de São Vicente em uma lancha junto com Afonso Rodrigues, natural de Obidos, por um homicídio que lá fizeram, sendo acolhidos por Caramuru.

Paulo Dias Adorno casou com Felipa Alvares, filha bastarda de Caramuru, em 1524, data em que também casou Afonso Rodrigues com outra filha bastarda do mesmo Caramuru, Madalena Alvares. Ambos, se-

gundo Jaboatão, casaram na igreja da Graça, sendo ministro desses casamentos Frei Diogo de Borbam, religioso de São Francisco, que com seus companheiros iam para a Índia com Martin Afonso de Souza, mandados naquele ano pelo Rei Dom João III a fundar ali um convento.

De Paulo Dias Adórno e sua mulher Felipa Alvares, que tinham uma sesmaria em Sergipe do Conde, nasceram dois filhos: Catarina Dias Adórno, que casou com Francisco Rodrigues, em 1.º de janeiro de 1552, sendo padrinho Tomé de Souza, e Antônio Dias Adórno. Segundo Gabriel Soares, Antônio Dias Adórno, já defunto quando o cronista saiu da Bahia, em 1584, tinha na entrada do Iguape uma ilha rasa, cultivada de mantimentos, e no Igarauá, um dos rios que entram no lagamar do Iguape, próximo à Ilha dos Franceses, um próspero engenho de pedra e cal, com grandes edifícios de casas de vivenda e purgar, e uma formosa igreja, em terras de Dom Alvaro da Costa. Este engenho, que tinha sido edificado por Antônio Dias Adórno, era copioso, e em 1587 o possuíam seus herdeiros.

Do casamento de Afonso Rodrigues e Madalena Alvares nasceram três filhos: Gaspar Rodrigues, Alvaro Rodrigues e Rodrigo Martins.

De Gaspar Rodrigues sabemos que morreu em Salvador, a 29 de outubro de 1606 e foi enterrado no colégio dos jesuítas.

Alvaro Rodrigues se estabeleceu nas proximidades do engenho de Antônio Dias Adórno, de quem obteve mil braças de terra por carta de sesmaria, em 23 de janeiro de 1574, que as houve do procurador Dom Alvaro da Costa, onde tinha sua casa, terras estas que não poderia vender senão ao cedente ou a seus herdeiros. Mais tarde obteve outra doação do procurador de Dom Alvaro da Costa, Pero Carneiro, por carta de 12 de maio de 1574, de 3 mil braças de terra, próximas à Ilha dos Franceses. Então já tinha um engenho defronte, no Paraguaçu.

Suspeitamos que a proximidade teve como consequência o casamento de Alvaro Rodrigues com uma filha de Antônio Dias Adórno, e não de Catarina Dias Adórno e Francisco Rodrigues como quer Jaboatão, de cujo consórcio descende a família Rodrigues Adórno de Cachoeira, onde, segundo parece, já se encontrava o referido Alvaro em 1595.

Rodrigo Martins acima citado foi foreiro nas terras que no Paraguaçu tinha Luís de Brito de Almeida. Dêle diz Gabriel Soares de Souza: "Antes de chegarem à Cachoeira, à vista d'elle, está outro engenho de água mui bem acabado, o qual fez um Rodrigo Martins, melueluco, por sua conta, e de Luís de Brito de Almeida junto ao qual vivem muitos meluelucos com suas fazendas".

Estas terras onde estava o engenho, hoje cidade de Cachoeira, eram as doze léguas que, por carta de sesmaria de 23 de janeiro de 1573, obteve Luís de Brito de Almeida, nas cabeceiras das de Dom Alvaro da Costa, começando onde acabavam as dêste, do mar para o sertão, tomando para marco o Rio Jaguaripe, e assim correndo pelas cabeceiras do dito Dom Alvaro, até o Rio Paraguaçu, e dêste para cima da terra da dada de João de Brito de Almeida seu filho, até o Rio Sergipe.

O engenho de João de Brito de Almeida começava na parte em que se estreita o rio; ali tinha "o notável e bem assentado engenho de João de Brito de Almeida, que está senhoreando esta baía com a vista o qual engenho é de pedra e cal, e tem grandes edifícios de casas, e muito formosa igreja de São João, de pedra e cal; o qual engenho tem mui grande aferida e mõe com uma ribeira que vem a êste sítio por uma levada de uma légua, feita toda por pedra viva ao picão com suas açudadas, com muros e botareus de pedra e cal, coisa muito forte. Acima dêste engenho um tiro de verso dêle, entra nesta baía, que êste rio aqui faz o rio de Agua Doce do Paraguassú, o qual terá na bôca de terra a terra um tiro de falcão de espaço, e navega-se por êle aclma até a ca-

choeira que poder ser a três léguas, com barcos grandes e indo por elle acima sobre a mão direita tem poucas fazendas, por ser a terra do engenho de João de Britto".

Tanto Alvaro Rodrigues como seu irmão Rodrigo Martins, receberam, em 24 de dezembro de 1607, quatro léguas de terra e o hábito da Ordem de Aviz com 20 mil réis de tenência.

Pelas notícias acima transcritas vemos que o mameluco Rodrigo Martins, filho de Afonso Martins, foreiro de Luís de Brito de Almeida, construtor do engenho da Cachoeira, entre 1573 e 1584, foi sem dúvida o fundador de Cachoeira, embora não saibamos quando ou onde morreu, nem se deixou descendentes diretos.

Souza, Gabriel Soares de. *Tratado descriptivo do Brasil em 1587*. São Paulo, Ed. Nacional, 1933. 493 p. (Brasiliense, 117).

Jaboatão, Antônio de Santa Maria (Frei). *Catálogo genealógico das principais famílias que procederam de Albuquerque e Cavalcantes em Pernambuco e Caramurus na Bahia*, Salvador, Instituto Genealógico da Bahia, 1950, 373 p.

2 Santa Maria, Agostinho de (Frei). *Santuário Mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora e milagrosamente manifestadas, aparecidas em o Arcebispado da Bahia, em graças dos pregadores, de todos os devotos da Virgem Maria Nossa Senhora*. Salvador, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1947, p. 148.

Silva, Pedro Celestino da. *Datas e tradições cachoeiranas. Anais do Arquivo Público do Estado da Bahia*. Salvador, 24: 225-398, 1943.

3 Silva, op. cit.

4 Milton, Aristides. Ephemérides cachoeiranas. *Rev. Inst. Geog. Hist. Bahia*. Salvador, 21: 386, 1899.

Arinizaú, José Joaquim de Almeida. *Memória topográfica, histórica, comercial e política da Villa de Cachoeira da Província da Bahia, em 1825*. *Rev. Inst. Geog. Hist. Bahia*. Salvador, 25: 127, 1862.

5 — Macedo, Fernando (Pe.) O Brasil religioso. *Rev. Inst. Geog. Hist. Bahia*. Salvador, 44: 22, 1918.

6 Milton, op. cit., 17: 392, 1898.

Margalho, Pedro Thomas (Frei). *Resumo histórico do Convento do Carmo de Cachoeira*. *Rev. Inst. Geog. Hist. Bahia*. Salvador, 54: 27-51, 1928.

Milton, op. cit., 16: 258, 272, 1898.

Freyre, Felisbello. *História territorial do Brazil; Bahia, Sergipe e Espírito Santo*. Rio de Janeiro, Typ. Jornal do Commercio, 1906, v. 1, p. 38-9.

Tourinho, Eduardo. *Cachoeira do Paraguassu*. *Rev. Inst. Geog. Hist. Bahia*. Salvador, 79: 221-49, 1955.

Em 1661, houve grandes ataques de índios a Cachoeira. O Conde de Óbidos ordenara a Gaspar Rodrigues Adorno que guarnecesse a região (Cachoeira, Iguape e Jacuípe) com índios mansos vindos de Jacobina. Também, em 1621, 1629 e 1719.

8 Milton, op. cit., 16: 256, 1898.

9 Wood, A. J. R. Russell. "Aspectos da vida social das irmandades leigas da Bahia no século XVIII". In: *O bicentenário de um monumento baiano*. Salvador, Igreja da Conceição da Praia, 1971. v. 2, p. 145-68.

10 Assim define o Direito Canônico as Ordens Terceiras:

"Can-702 — § 1.º — Terceiros Seculares são aquêles que, vivendo no século, debaixo da direção de alguma ordem, e conforme o espírito da mesma, se esforçam por adquirir a perfeição cristã de uma maneira acomodada à vista do século, sejam as rezas para elas aprovadas pela Sé Apostólica.

§ 2.º — Se a Ordem Terceira Secular se divide em várias associações, cada uma destas, legitimamente constituída, se chama Irmandade de Terceiros”.

Salles, Fritz Teixeira de. *Associações religiosas no ciclo do ouro*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1963, p. 16 (Estudos, 1).

- 11 Ibid., p. 37, 74-6.
- 12 Ibid., p. 18, 27.
- 13 Ibid., p. 67-8.
- Wood, op. cit., p. 150.
- 14 Macedo, op. cit., p. 71.
- 15 Ibid., p. 37.
- 16 Cachoeira. Venerável Ordem Terceira do Carmo. *Livro de termos, iniciado em 1914*. Ms.
- 17 Bazin, Germain. *L'architecture religieuse baroque au Brésil*. Paris, Museu de Arte de São Paulo, s. d. v. 2, p. 12.
- Moraes, Alexandre José de Mello. *Brasil histórico*, Rio de Janeiro, Ed. Pinheiro, 1866. p. 44.
- Mello Moraes utilizou dados fornecidos por Epiphânio José de Melrelles, cachoeirano, em carta de 4.7.1866.
- 18 Milton, op. cit., 21: 384, 1899.
- 19 Ibid., 25: 312, 1900.
- 20 Ibid., 21: 384, 1899.
- 21 Estatutos aprovados em 1914, transcritos no *Livro de termos, iniciado nesta data*. Vide nota 16.
- 22 Milton, op. cit., 15: 184, 1898.
- 23 Bazin, op. cit., loc. cit.
- 24 Smith, Robert C. Some views of colonial Bahia. *Belas artes*. Lisboa, Academia de Belas Artes, 1: 40-47, 1948.
- 25 Id. "Arquitetura colonial". In: *As artes na Bahia*. Org. de José Valladares. Salvador, Prefeitura Municipal, 1954. p. 33 (Evolução histórica da Cidade do Salvador, 4).
- 26 Simões, J. M. dos Santos. *Azulejaria portuguesa no Brasil, 1500-1822*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1965, p. 60.
- 27 Bazin, op. cit., loc. cit.
- 28 Smith, Some views..., p. 44.
- 29 Milton, op. cit., 25: 312, 1900.
- 30 Simões, op. cit., loc. cit.
- 31 Bazin, op. cit., loc. cit.
- 32 Ibid., v. 1, p. 273-4.
- 33 Ibid.
- 34 Ibid.
- 35 Ibid.
- 36 Ibid.
- 37 Alves, Marieta. *Igreja de Nossa Senhora da Graça*. Salvador, Prefeitura Municipal, 1953. p. 10. (Pequenos guias das igrejas balanas, 14).
- 38 Bazin, op. cit., v. 1, p. 273-4.
- 39 Simões, op. cit., loc. cit.
- 40 Moraes, op. cit., loc. cit.
- 41 Bazin, op. cit., v. 1, p. 273-4.
- 42 Milton, op. cit., 25: 312, 1900.
- 43 Ibid., 19: 27, 1899.
- 44 Ibid., 16: 235, 1898.